

DIA DE CÉUS

Rosângela Trajano





Dia De céus

Rosângela Trajano



Dia De céus

Lucgraf

Natal

2020

Projeto gráfico e revisão

Da autora

Capa

Jean Sartief

Copyright by

Lucgraf 2020

Natal-RN, Brasil

Todos os direitos reservados à autora. Esta obra não pode ser reproduzida no todo ou em partes sem a autorização prévia da autora.

Lei 9.610/98

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Trajano, Rosângela
Dia de céus [livro eletrônico] / Rosângela
Trajano. -- 1. ed. -- Natal, RN : L S Comércio e
Serviços, 2020.

PDF

ISBN 978-65-88011-05-8

1. Antropologia 2. Literatura brasileira -
Escritores negros 3. Poesia brasileira I. Título.

20-48683

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Se alguma mulher sente que ela precisa ser
qualquer coisa além dela mesma para
legitimar e validar a sua existência, ela está
abdicando do seu poder de se auto-definir, da
sua própria agência

bell hooks



*Aos ossos de vó Lourdes, tio
Neguinho, tio Luis Preto e
tia Olívia.*

Prefácio

A branquitude é um prego opressor

*“A aquarela pintada de preto
tem um prego opressor”*

Gostaria de iniciar este prefácio agradecendo a generosidade de Rosângela Trajano para me chamar a abrir o seu poemário “Dia de Céus”, que mergulha nas dores que a branquitude, o privilégio branco, o racismo estrutural, a necropolítica e o epistemicídio dos corpos negros geram cotidianamente no mundo. Os poemas, pedaços de *sentipensar*, são apresentados desde a perspectiva de uma filósofa apaixonada pela educação infantil, que é também uma mulher negra, periférica, excepcional na sua forma de se posicionar no mundo e denunciar as pálidas tragédias deste que colocam à branquitude como um sorriso mesquinho perante um cosmos exuberante, abundante e convidativo.

*“Eu puxei muito os fios.
Dizem que devia cortá-los.
Eu digo que o céu é cabeludo”*

Com Rosângela temos compartilhado vários espaços comuns: ela tem sido aluna especial da disciplina “Genealogias decoloniais em Abya Yala”, monitora voluntária na disciplina “Introdução à Antropologia”, participante das discussões sobre branquitude dentro do projeto de pesquisa “Cuidados e acesso à educação em tempos necropolíticos” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e colaboradora no Ciclo Unesco de Ações Antirracistas chamado “Traduzindo as lutas antirracistas desde os Sules Globais” - atividades todas que aconteceram durante o pandêmico ano 2020. Desde um lugar de constante observação do seu entorno, tenho visto Rosângela absorver, refletir e questionar o mundo, e tenho aprendido a cada dia a partir da observação da sua atitude comprometida, vivaz e questionadora de toda forma de injustiça social.

“A planta cresce na passagem das horas”

Na produção de poesias, ensaios, desenhos, charges, vídeos e outros registros da autora para o mundo percebo que a riqueza do que ela tem gerado transcende muitas vezes os gestos que a parcimônia acadêmica espera. Há muros construídos na academia brasileira - e, de forma mais ampla, em grande parte do restante da América Latina - cuja estrutura é eurocêntrica, androcêntrica e elitizada, fundada na praxe de um *homo academicus* cujo senso comum embranquecido rejeita ser confrontado.

“Todas as vezes que me matavam à entrada de um céu”

Eu observo como a poesia reflexiva/a reflexão poética se retroalimentam e inundam o espaço lírico, epistemológico, existencial, onírico e sensual que ela habita e compartilha conosco nas discussões, nos gestos de carinho, nas experiências de dor e exclusão desde sua própria perspectiva diferenciada. Tal ponto de vista emerge de um ser original, sensível e complexo que, ao mesmo tempo, compartilha experiências chave que são comuns a grande parte da população brasileira: o coletivo racializado como “não branco”, “preto”, “pardo” ou “negro” nas ruas, cidades e universidades do Brasil.

“Rua da flor negra, casa preta em noite cheia”

Neste poemário que também pode ser lido como um instrumento de denúncia social, Rosângela Trajano oferece uma poesia descarnada que mergulha no relato da dor e também na digna contemplação da ferida que se coloca no registro do público e que se segue de potentes movimentos resilientes, de esperança, de dignidade e de fortalecimento de si através do autorreconhecimento pessoal e comunitário.

“A mulher negra veste noites corajosas”

Rosângela faz poesia, ensina, nina e leciona em sua praxe de múltiplos registros. Ela nos convida a imaginar como é que as letras e o conhecimento acadêmico podem “costurar saberes em sementes

de benquerer” para espalhar no mundo, como ela sabiamente coloca, nos chamando para habitar finalmente outros jardins.

Ana Gretel Echazú Böschemeier
Natal, 01/11/2020



Apresentação

“Estes céus são seus, Rosinha. Pinte-os da cor que quiser.”

Professora Eliane, terceiro ano fundamental I
da Escola Municipal Chico Santeiro

Escrever “Dia de céus” não foi nada fácil. Fez-me lembrar tantas nódoas que mancharam a minha alma. Doeu tanto em mim e nos meus cinquenta e três gatos pretos invisíveis. Cada verso tem um pouco do que eu já vivi ao longo desses quarenta e nove anos. São dizeres amedrontados e que se assustam a cada ódio experienciando por mim, familiares, amigos e irmãos negros do mundo inteiro.

Assim como toda menina cresci com sonhos lindos apesar do sofrimento pelo qual passei na minha infância onde cabelos volumosos eram sinal de relaxamento e precisavam ser presos com marias-chiquinhas que nunca gostei. Mas, era preciso. Sim, era preciso aceitar a branquitude que batia à minha porta todas as manhãs.

Sempre gostei de ver a noite porque nela eu me vejo. A noite que traz o silêncio dos pássaros e a saudade de brincar com as bruxinhas que a minha mãe fazia para mim. Bruxinhas de pano pretas parecidas comigo. As minhas bonecas tinham vida e conversavam sobre coisas que ninguém pode imaginar: falavam de amores entre chuvas nunca caídas no chão onde plantei a minha criancice dolorida.

Não deixei na infância a menina tímida e medrosa. Trouxe-a comigo à vida adulta. Em seu pequeno mundo tem um mangue com lama da cor da sua pele, meninos que nunca se cansam, anciãos que contam histórias e não ouvem mais a noite cantar. Esta mulher não

sabe andar de salto alto e nem usar batom para deixar os lábios mais bonitos, porém gosta de velórios de flores.

Descobrir a branquitude com a professora Ana Gretel Echazú Böschemeier foi a coisa mais maravilhosa que aconteceu na minha vida neste difícil ano de 2020. De lá para cá passei a me ver não mais como a Rosinha despedaçada e sem ter com quem falar das suas dores. Conheci pessoas que também adoecem vez ou outra, gente que vive doente com o ódio plantado na terra fértil que faz brotar assombros e perversidade. A mãe Terra não quer mais engravidar do ódio, nunca mais, nunca mais. A professora Ana Gretel ensinou-me a não temer o ódio e, por isso, enfrentei todos os meus medos e ansiedade para escrever “Dia de Céus”. Um livro com trinta e cinco poemas que contam parte da minha história, das minhas lutas, das minhas dores, das vezes que visitei hospícios e tomei pílulas para não deixar o pranto da opressão me sufocar.

Escrevi para dá voz a outras mulheres negras que lutam todos os dias por um mundo com menos ódio. Que cada verso meu possa ensinar às mulheres e homens negros a vontade de procurar amor dentro e fora desse mundo opressor que dita normas e regras para todos nós como se fosse nosso “dono”. Há amor na meia lua de outono ou na casa do Preto Velho. Há amor atrás do muro que esconde o Navio Negreiro de Castro Alves.

Axé! Salve Iemanjá, minha rainha!

A autora

A maldade cortou

As pernas da noite

Ela não pode correr

Fez-se senhora tristonha

À procura de coisas

Guardadas em baús

Eis a folhinha da árvore

No colo da noite

Memórias chamam velhos

Séculos são lembrados

Correntes, gritos, sangue

Tomo a água do teu pote

A perversidade nunca cessa

Machuca a flor negra

Através de atitudes

Maldosas, mesquinhas, doídas

Assim como quem joga

Pedras em ninhos de aves

A flor negra se esconde

Dentro de si, dentro de si

Coberta por qualquer busca

Secreta amante da beleza

Que vem do espírito

Orixás desorientam ciladas

Ruge a maldade na entidade

Da rainha que tece ofertas

Estrangulando incertezas

Amanhecer é nascer de novo

A mulher negra não rodopia no ar

Ela baila em chão duro até cansar os pés
Costura saberes em sementes de benquerer
Numa insistência de crescer em vaso vazio
Olha horizontes pisoteados pelo acaso
De uma busca que se faz fortaleza
Na oração aos Orixás dos rios e mares
A mulher negra guarda três lírios
Dentro de uma ansiedade solene
Porque precisa sorrir à inquietude
Dos dias mais brancos que as nuvens

A terra vai parir hoje à noite

Terra negra, negra, negra

Dará à luz ao filho da loucura

A primavera também vê monstros

Um tempo, tempo, tempo

Relógio quebrado na parede

Esquece da manhosa noite

Mãe terra, sou tua parteira

É hora de espantar corvos

Desse tempo que não ama flores negras

O âmbar sai do rio para clarear a luva perdida

Nasce o filho da mãe terra

No tempo da dignidade

Negra é a ciranda sem rodas

Passado achado em rede de pesca

Desnuda na vontade do ser

Amar... amor... amar

Algumas agulhas não entram

Em tecidos grossos

Meus eus vivem em prisões

Amordaçados pelo ódio

A metamorfose da ansiedade

Gerou cacos de ninguém

Esta pele negra que me veste

Atravessa florestas de mil sóis

Enfrenta tempestades fortes

Para conquistar sonhos

A aquarela pintada de preto

Tem um prego opressor

Segurando-a na parede

Do seu corpo frágil

Num novelo encontro o amor



Arrastar terras de ninguém

O fantasma da senzala

Tem punhos de aço

Preto é o lenço rasgado

Guardião de lábios cansados

De nunca dizer nada

Perversidade come lutos

Outrora mortos mais viviam

Flores negras ainda virgens

Entregam lampiões ao tempo

Gigantes também choram

Lua cheia há três noites



Nascimento da noite

Enfim, abro a janela

O velho capitão dormiu

A guerra cessou por instantes

Os meus cabelos crespos

Que enchem a minha cabeça

Não mais assustarão

Os poucos cabelos louros

A feia menina cabeluda

Não precisará mais pentear

Com força os seus cabelos

A fim de desalinhá-los

Para agradar

Meninas de cabelos lisos

Dói a cabeça, puxei muito os fios

Dizem que eu devia cortá-los

Eu digo que o céu é cabeludo

Chora a noite sofrida

Atrás do senhor vento

Mora uma vontade

De ser prece de amor

Acredito em corações

Com pontes largas

Passa a brandura por mim

Deixa um abraço lavado

No rio das águas sorridentes

Amanhã vou ser ave de rapina

Para acalantar a noite

Feito viola que chora tristonha

A maldade é uma pedra

Levada à cabeça da alma

Com uma flor negra no peito

Curandeira de feridas

Aos domingos os Orixás

Descem de algum lugar

Oferendas na esquina

Rua da Flor Negra

Casa preta em noite cheia

Vontades são colares

Sem pedrinhas

Atrás do tambor que tocava

Para o preto velho

Eu nasci de novo em pele negra

Ao ódio que matou a minha alma

Descasco amores para ele

Em lagos há roupas de leões

Deixei um rastro negro

No chão da tua sala

Nada foi sepultado

No cemitério da tua alma

Porque não abriste o portão

Aos lírios mortos de sede

A minha pele negra

Dorme no canto da loba

A caçar sonhos no mato seco

Sou a preta do teu quadro

Com dourado sol na manhã triste

A última pedra quebrou meu viver

Peito aberto, peito nu

É outro sangue o que corre em mim

A lua não sabe sonhar, eu sei

Desperta a alma sangrando nódoas

Opressivas pela clara luz da vela
Tem ferrugem no verso do Apocalipse
Nem inverno, nem outono, barco à deriva
Sim, choram os bravos lugares desertos
Por onde nunca passará seu olhar
A mulher negra veste noites corajosas
Preâmbulo de batalhas resistentes
Mito é o dente que não mastiga valentia
Ouve guizos seculares em ossos de mortos
Cantarem uníssona medida entre dias e noites
Sonhos, esperança, ousadia
A planta cresce na passagem das horas

Eclipse entre o limbo e eu

Flor negra a despertar
De um chão opressor
Onde perversos nos matam
Gestos, palavras, atitudes
Cospem no prato lavado
Pelas águas de um rio
Meio tristonho, meio sal
Esponjas levantam bandeiras
Salvem as flores negras
Testemunhas do bruto
Retrato picotado em céus
O altar caiu da noite fria



Entre esquecimentos

Amarrados no meu sol

Outro ódio pisoteou

Pequena mão calejada

Surge minha outra metade

Também negra, sim

Essas fases da lua

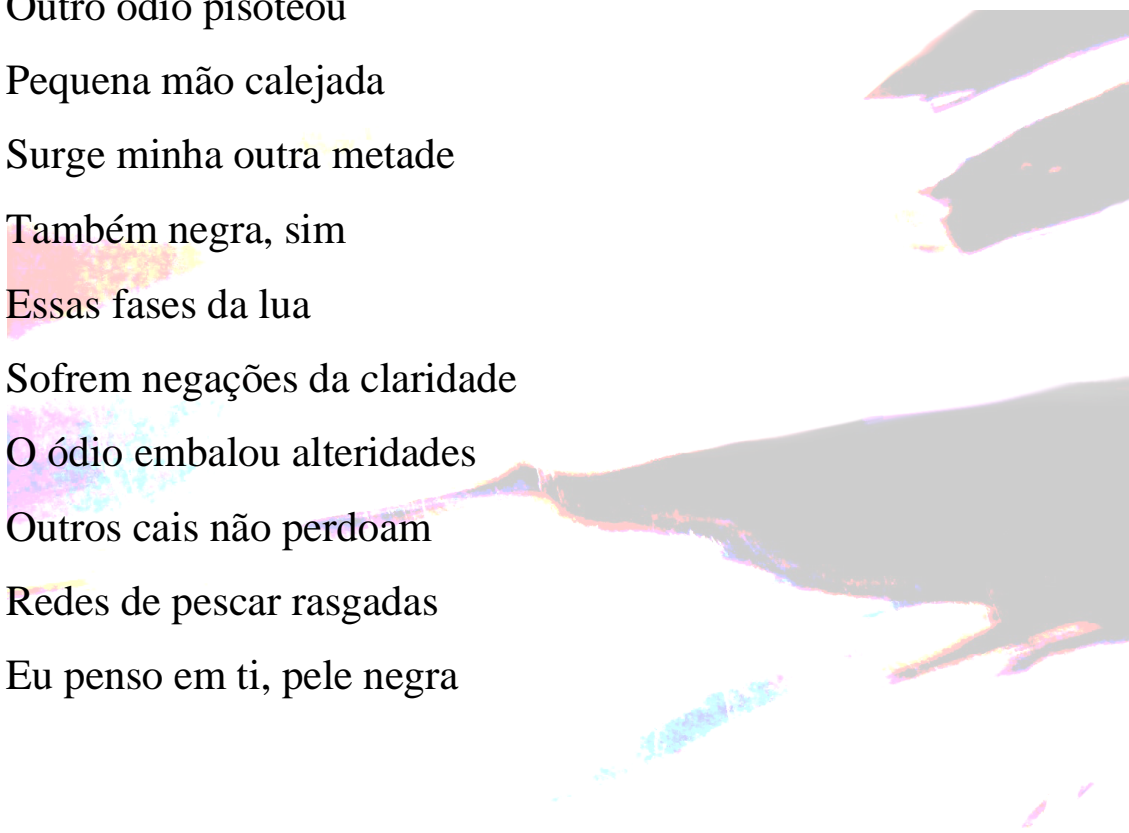
Sofrem negações da claridade

O ódio embalou alteridades

Outros cais não perdoam

Redes de pescar rasgadas

Eu penso em ti, pele negra



Exilei meu riso

No verso da moeda

Pele negra chora

Em outro destino

Ser cria do mito

Deusa em tríade

Rega a prece

Pretos também sonham

Reino de pássaros

Voam contra a servidão

Sou bocas caladas

Fui uma menina negra

Com uma infância tímida
Brincava de ser bruxinha
Fazer feitiçaria para mim
Sonhava ser princesa
Criar um dragãozinho
Em dia de céus o ódio me venceu
Caí doente da felicidade tonta
Quebrei esperanças
Suadas mãos ansiosas
Esconderam-se
Abraços não mais quis
Empurraram-me do balanço
Meus fios de cabelos levaram
Sou lembranças ingratas
Criancice dolorida não morre nunca

Miçangas pretas nunca dormem

À luz de peles brancas

Rostos utópicos

O girassol sabe que efêmera

É a máscara feita de papel

Corte de árvore em sorrisos

Meio céu ama o girassol

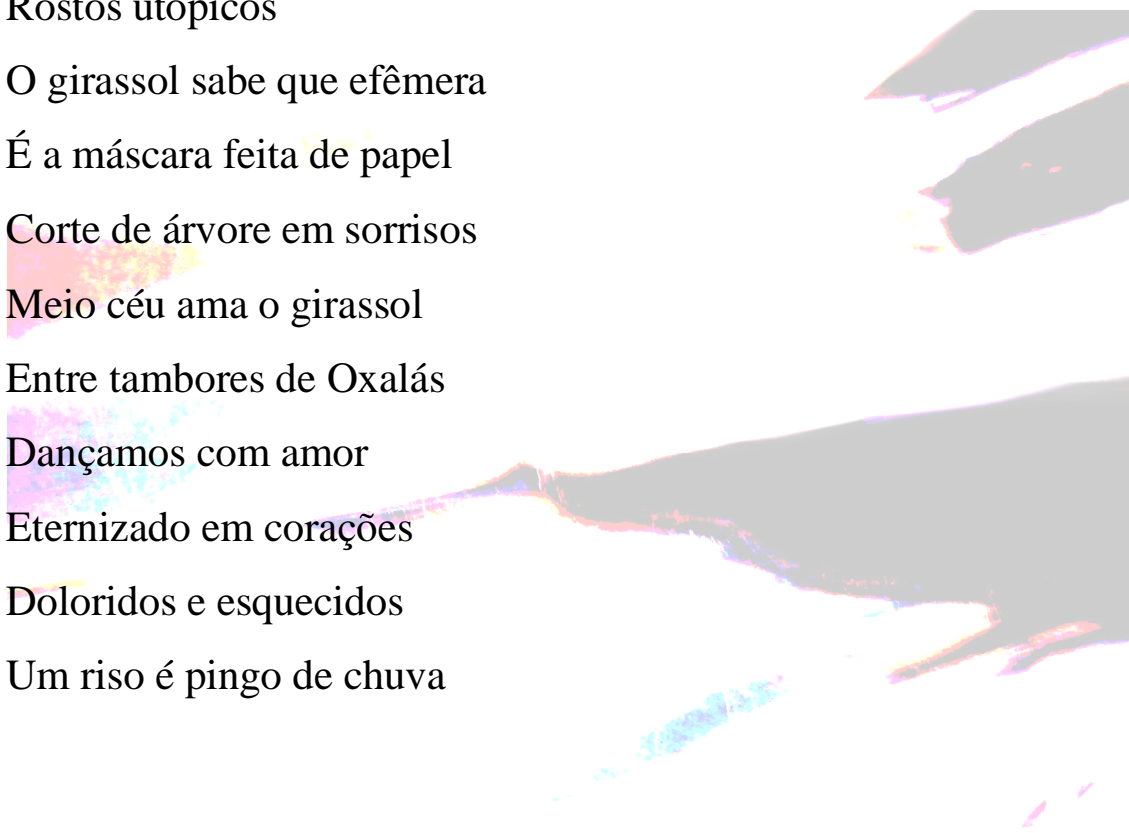
Entre tambores de Oxalás

Dançamos com amor

Eternizado em corações

Doloridos e esquecidos

Um riso é pingo de chuva



Na busca pelo meu eu negro

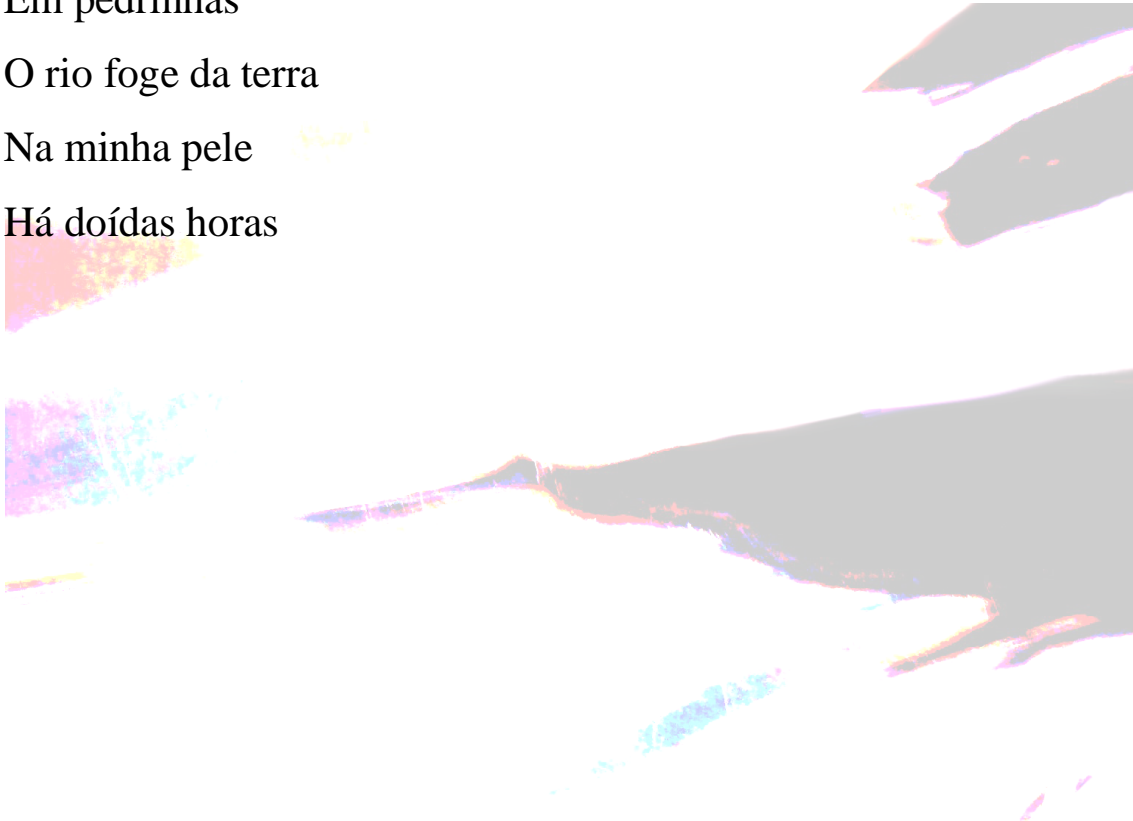
Desci ruas

Em pedrinhas

O rio foge da terra

Na minha pele

Há doídas horas



Na sua gestação primaveril

A terra ama as flores

Que ainda nascerão

Cai por ela uma negra felicidade

Livre dos antigos montes

Tal alegria tece vilas na terra

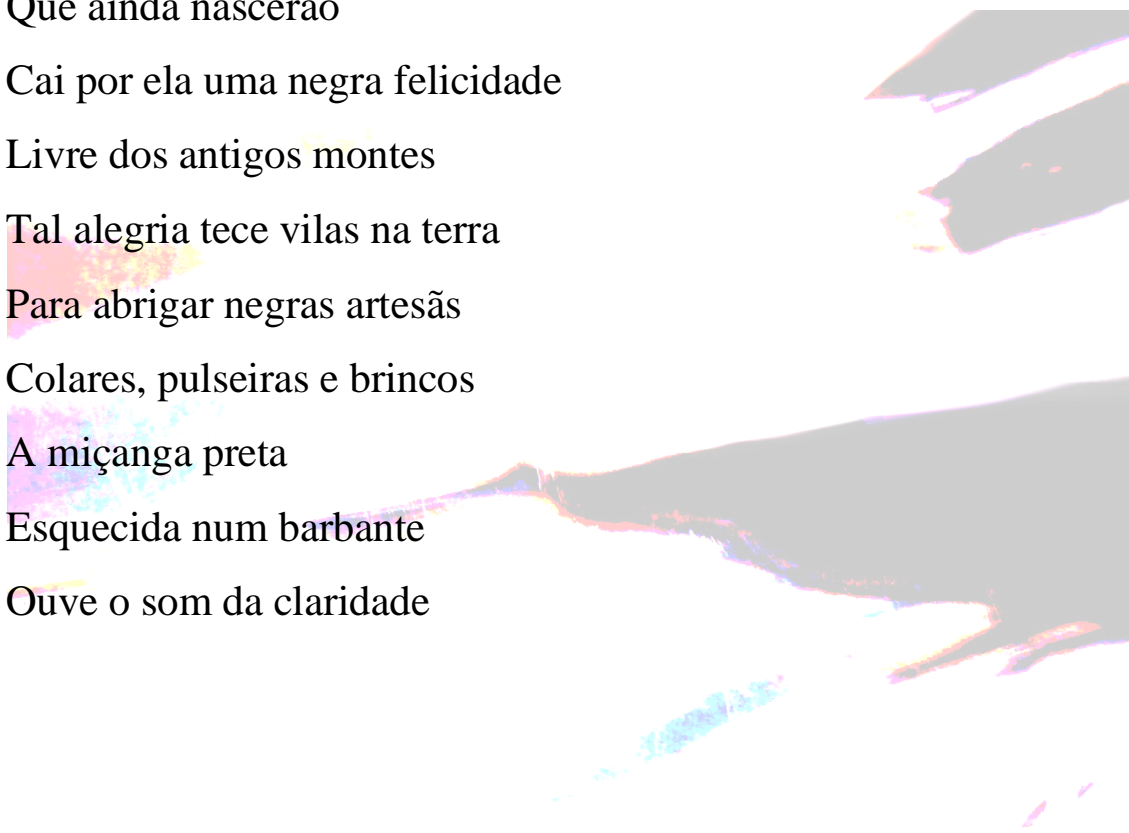
Para abrigar negras artesãs

Colares, pulseiras e brincos

A miçanga preta

Esquecida num barbante

Ouve o som da claridade



No cemitério a vela preta

Partida em pedaços

Pela opressão do ódio

Xangô viu isso e chorou

A lápide do negro é suja

Não tem identificação

Mesmo mortas suas flores

Resistem ao massacre civil

Da branquitude sem videira

Doem os olhos dos mortos negros

Não há mais Isis no caminho

Contar luas é utopia cega

Três andorinhas juntam céus

Cesto de palha ancião

Grão de areia é imortal



Num mundo de perversidade

Eu era a preta que sangrava

Nas suas mãos limpas

Porque eu era suja

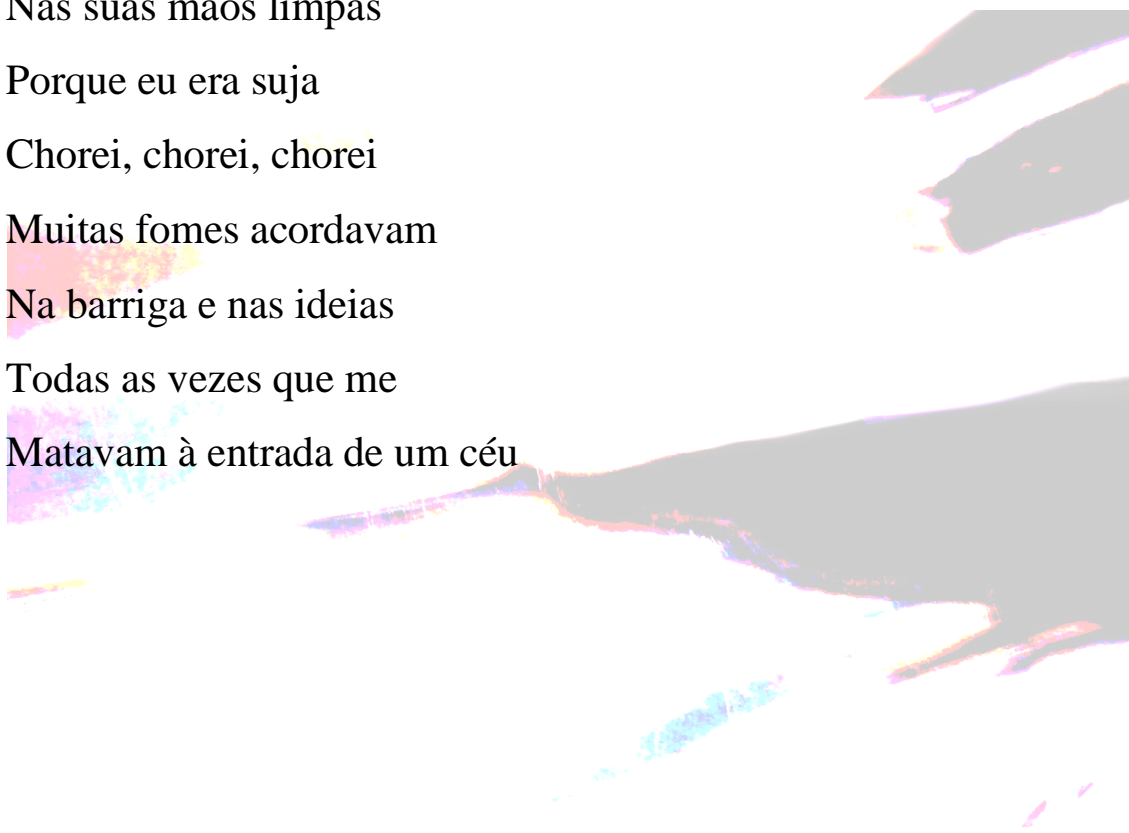
Chorei, chorei, chorei

Muitas fomes acordavam

Na barriga e nas ideias

Todas as vezes que me

Matavam à entrada de um céu



Nunca há silêncios onde chego

Os risinhos são frequentes

Corte tudo! Disse mamãe

A mulher obedeceu

Lágrimas doídas nasceram em mim

Assim ninguém vai mais

Chamar-lhe de cabeluda e feia

Falou mamãe sem perceber

Eu morria mais e mais

Morri numa tarde de outono

Sem ter coragem de passar

A mão na cabeça

O cabelo curto deu um sol

Ao ódio que vive em sorrisos

E um fim de mim

Parou o som do vento

Tudo virou pedra ardida

A soluçar para dentro

O relógio negro dorme

Na cabeceira tristonha

Luz apagada não sabe

Quem rasgou o lenço

Que era de cor, diziam

Marginais sombras

Assustam a noite fria

Em maldade avessa

Ao sono do negro relógio

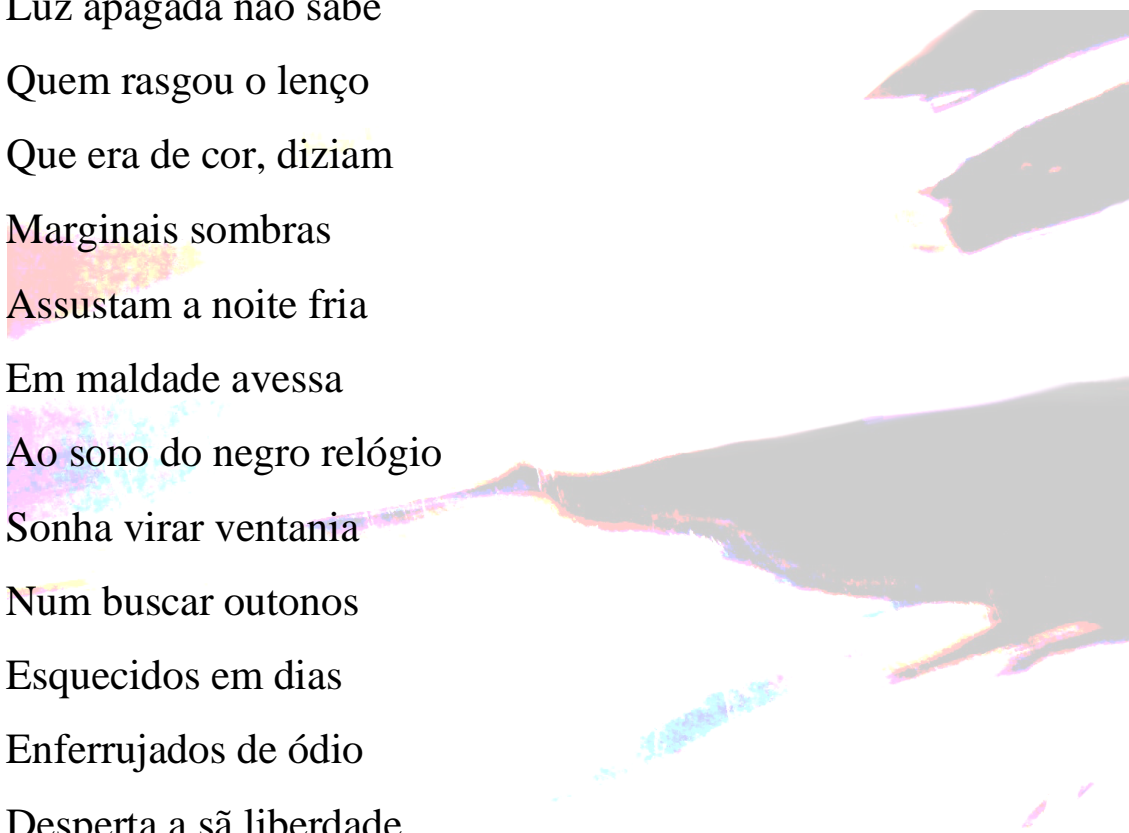
Sonha virar ventania

Num buscar outonos

Esquecidos em dias

Enferrujados de ódio

Desperta a sã liberdade



O girassol negro

Esperava a noite

Guardado em segredos

Pequeninos testemunhos

De prisões claras, claras

Muito silêncio no grito

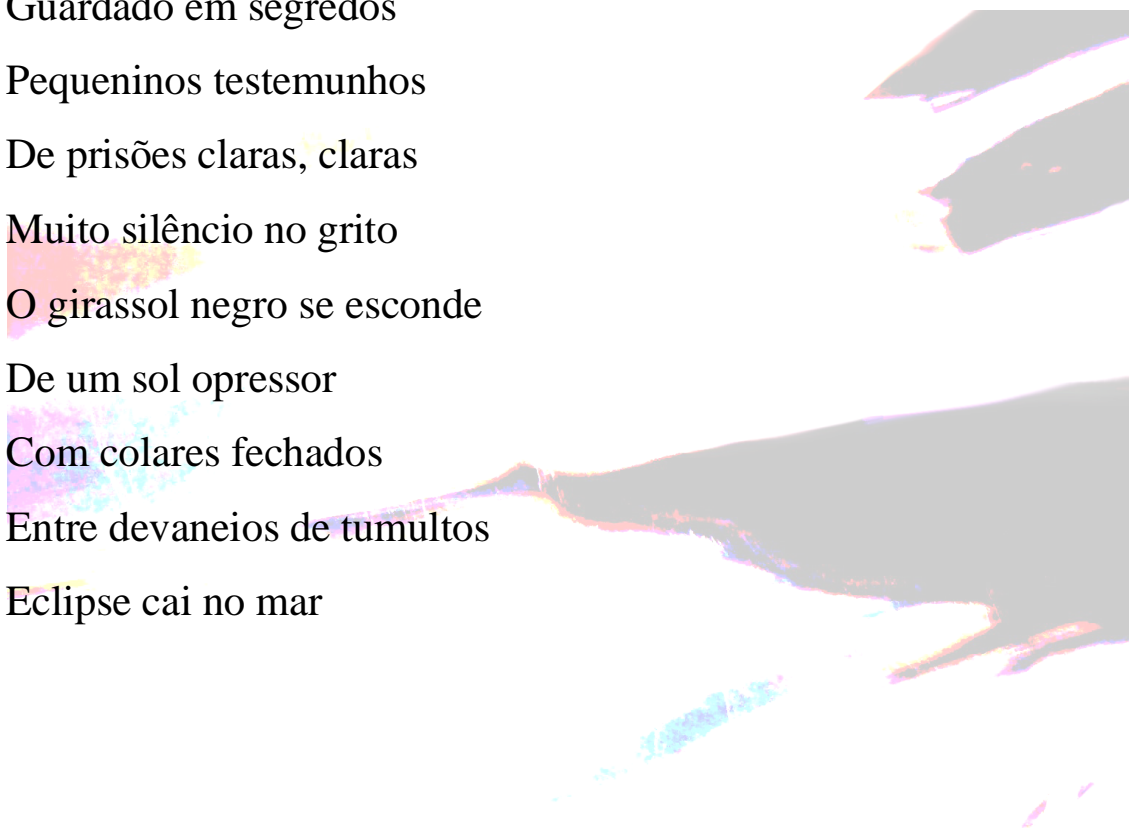
O girassol negro se esconde

De um sol opressor

Com colares fechados

Entre devaneios de tumultos

Eclipse cai no mar



O riso negro

Calou o vento

Quem chora é ele

Lágrimas dormidas

Opressiva vida

Ainda há pés pretos

Dentro do vaso

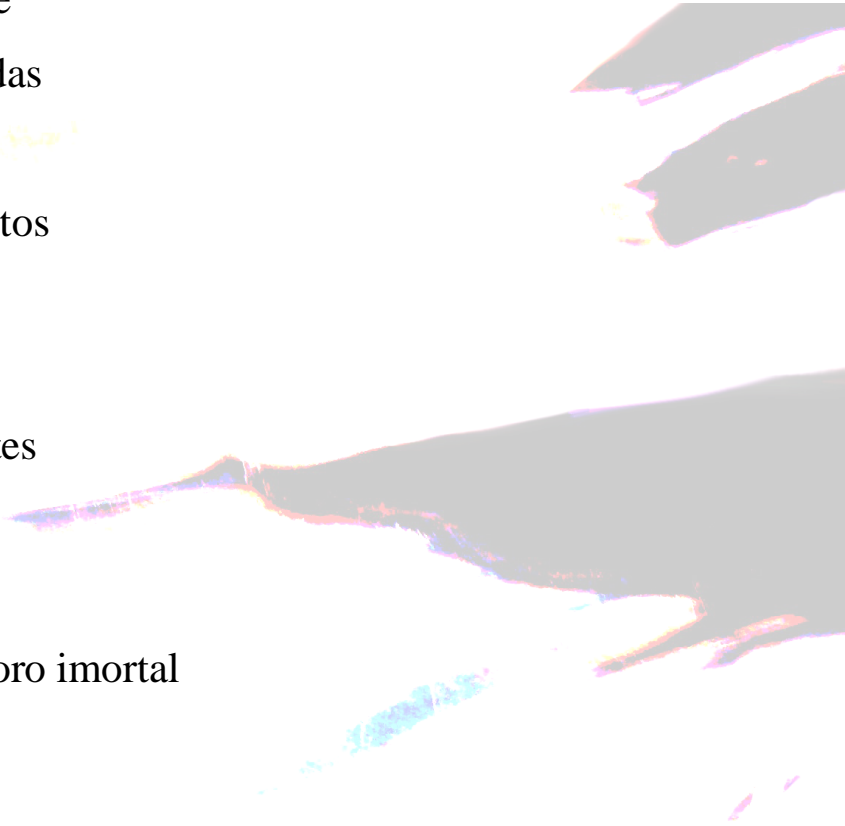
O sonho nu

Foi procurar noites

Para vesti-las

Casa em acasos

O riso é um fósforo imortal



Ódio plantado na terra

Faz brotar botões negros

Porque a alma é incolor

A parteira treme as mãos

Do concreto quente

Nascem pretas sabedorias

Hoje é dia de céus

Fome castiga o funileiro

Massa atômica subtrai

Lixo em átomo desnudo

Partícula negra da minha alma

Também conversa com santos

Nossos deuses criam noites

Barco naufragou em mim



Outro rosto

Mais vontade

Despertam na flor negra

A tinta velha manchou o quadro

Uma perversidade pisa

O valente jardim

De somente uma flor

A negritude quebra a opressão

Sou segunda pele tua

Traço fino em nudez noturna

A flor negra toca piano

Partitura sem clave de sol

A lua acalenta noites órfãs



Outros cravos dirão

Palavras de opressão

Traidores nós

A pupila busca

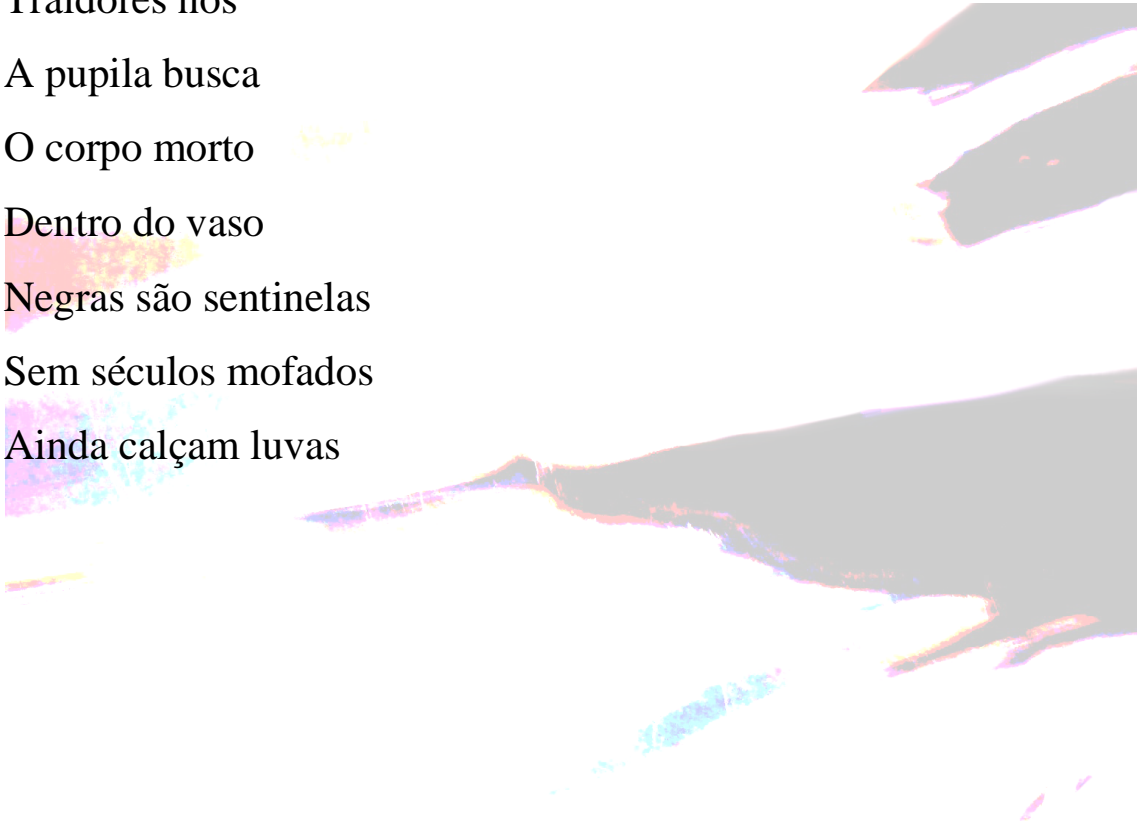
O corpo morto

Dentro do vaso

Negras são sentinelas

Sem séculos mofados

Ainda calçam luvas



Tenho estações em mim

Como máscaras pintadas

Num rosto tristonho

Que nunca sorri ao acaso

Temo a perversidade alheia

Tresloucada

Sou uma flor negra amedrontada

Quieta num canteiro de rua

Onde as noites são mais vivas

Que as ideias de Machado de Assis

O jardineiro me traiu

Ao invés de água, veneno

A terra morreu na tenra idade

Resisto

Resta apenas uma pétala, eu...

Três rios negros

Em espelho velho

Caminham abaixo

Dos pés do sol

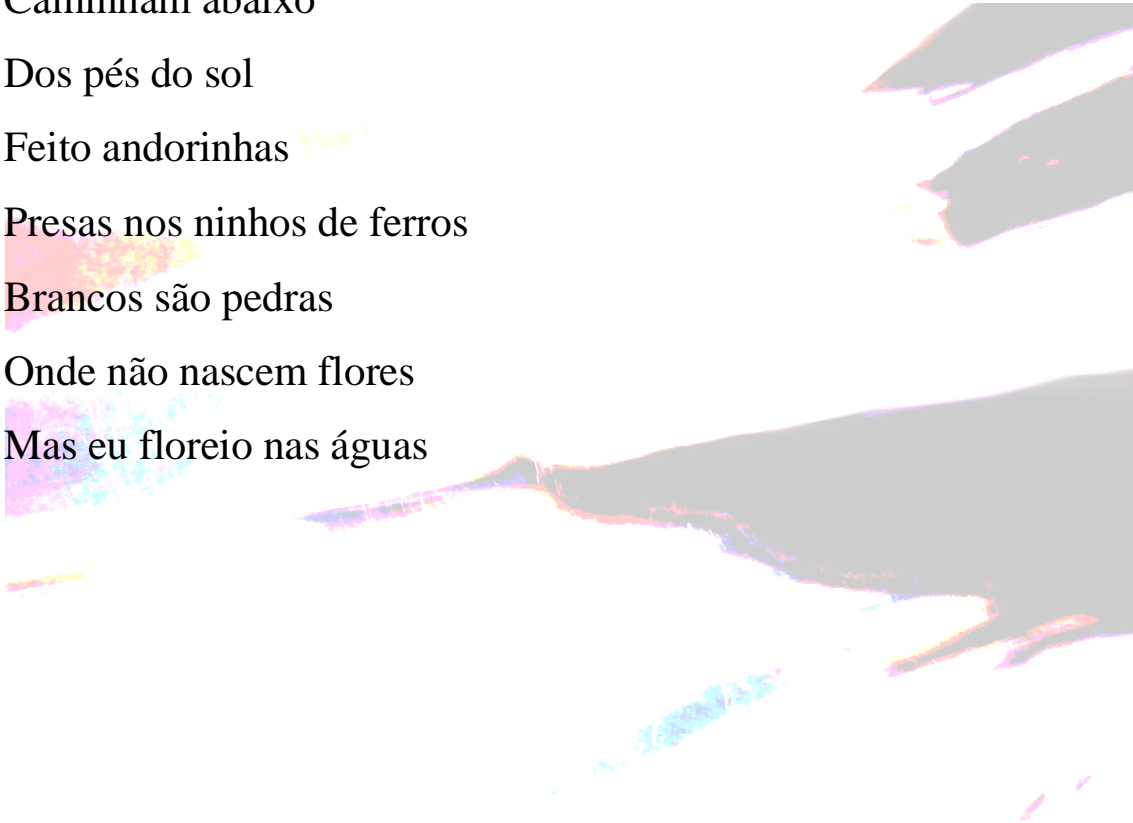
Feito andorinhas

Presas nos ninhos de ferros

Brancos são pedras

Onde não nascem flores

Mas eu floreio nas águas



Virei luas no outono

À procura de fantasmas
Escondidos nas vitrines
Em maldades esquisitas
À pele negra parece exausta
Das palavras em lavagens
Opressivas sorrateiramente
Esta flor negra que trago em mim
Nasceu num dia de céus
Vestidos em ideias libertárias
Para caminhar sem temor
A gratidão não se mistura
Ao líquido opressivo da insensatez
Velhas roupas também cheiram
Anciã do ódio estou eu
Ternura sem abraços vai à luta
Essa lama salva a minha dor

Nas três luas órfãs

Deixei meu cheiro
De pele negra suada
Cansada do ódio
Do quase nada
Ao que dizem ser eu
Sou coisinha barulhenta
Quimeras de olhares
Voaram céus secos
O néscio abriu a boca
Machucou a minha noite
Fez dormir o passarinho
Graúna risonha acorda cedo
É preciso salvar o amor

Uma pedra machucou

Meu sofrido coração hoje

O ódio não perdoou

Minha entrada no salão

De vestido longo

A última cadeira

Ficou esquecida

Sorri enquanto pude

Pois logo a maldade

Apagou as luzes

Dos meus frágeis olhos

O conto acabou

Na primeira página

Pele negra, corpo rocha

Figura pintada à porta do céu

A noite é minha rainha

Neste quarto quente

Onde canta o grilo

E estou salva do ódio

Aqui só eu e minhas ideias

Alguns versos sobrevoam

Minha tontinha cabeça

Descobri hoje que ser negra

É procurar leões ou tigres

Nas profundezas da alma

Fortaleza sem soldado

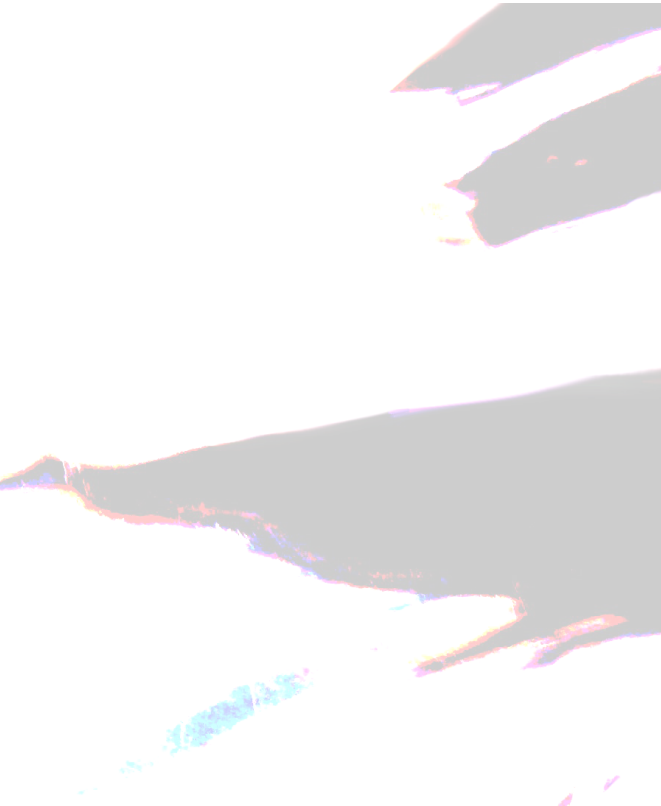
É atacada rapidamente

Eu sou loba nesta terra



Sou incertezas pagãs

Na cidade dos surdos
Onde vive a opressão
Ter pele negra aqui
É não ser nada, nada
Sentir frutos caídos
Envelhecerem no chão
Não sei se sou mais
Ou um tanto menos
Espero um trem só meu
Numa estação de amor
Mas o ódio carrega
Venenos em frascos
Gestos, atitudes, palavras
O chão cresce para mim



Aprendi a descer de céus

Pisando mansamente

Em chão com espinhos

Que ferem os sonhos dos pés

Porque os pés também sonham

Há quem diga que apenas andam

Nesses dias estranhos

Com ódios colorindo telas

De noites sofridas

Ó senhora dos mares

Receba a minha jangada

Tristonha e sem pescador

Segue sozinha em ausências

Quero esconder-me dos espinhos

Outro mar sou eu na manhã

Entre reis e rainhas há ossos

Pele negra é o avesso do verso

Posfácio

Rosângela Trajano, escritora e artista de múltiplos talentos, cumpre, com este livro, o que um de seus versos diz: “Amanhecer é nascer de novo”. *Dia de céus* é um amanhecer, porque apresenta uma nova poeta para quem já conhecia Danda por meio dos poemas e narrativas para crianças ou por suas ilustrações e aulas de Filosofia. Ainda que ela própria nos conte na “Apresentação” que “Cada verso tem um pouco do que eu já vivi ao longo desses quarenta e nove anos”, ousa dizer que cada verso possui também a sabedoria de quem já tem consciência de seu poder criativo e a maturidade de quem sabe que é capaz de dar voz aos “eus vivem em prisões”. Eus que vão além da poeta e de suas vivências pessoais, porque Trajano se permite ser canal para a denúncia das dores alheias e das injustiças e desigualdades sociais tão presentes na história da presença humana neste planeta, tal como anuncia a citação de abertura de Bell Hooks.

O passeio por seus poemas nos leva a duras constatações e a críticas agudas às imposições perversas de um mundo criado a partir da “supremacia branca” e do gritante desrespeito ao próprio sentido do humano. Organizada a partir do critério racial e de uma clivagem social sempre mediada pelas ambições materiais, a presença humana (humana?) no planeta carrega cicatrizes imensas de silenciamento de todas as pessoas cuja cor da pele não lhes permitia ingressar no espaço da branquitude. Pessoas exiladas de sua própria humanidade por uma história cruel, tal como dizem os versos: “O ódio embalou alteridades” (de “Entre esquecimentos”); “A aquarela pintada de preto/Tem um prego opressor”(de “algumas agulhas não entram”); “Flor negra a despertar/De um chão opressor/Onde perversos nos matam” (de “Eclipse entre o limbo e eu”); entre muitíssimos outros.

No entanto, não só no âmbito do conteúdo, Rosângela Trajano amanhece, fazendo nascer sua nova poesia ou, dizendo melhor, mais essa face de sua poesia. A pele de sua poesia de mulher negra está tecida com versos esteticamente cuidados, o que também é signo de sua maturidade como poeta. E, cabe dizer, não é tarefa fácil unir forma e conteúdo com equilíbrio quando o conteúdo grita a necessidade de se dizer. Também são muitos os exemplos que atestam a beleza estética de Dia de céus: “A mulher negra veste noites corajosas”, “Costura saberes em sementes de benquerer”; “O girassol negro se esconde/De um sol opressor”; “Um riso é pingo de chuva”; “Esta pele negra que me veste/Atravessa florestas de mil sóis” e “O riso é um fósforo imortal” são alguns deles.

De minha parte, o registro encantado de ver Rosângela Trajano abraçar com tanta força e qualidade a necessidade desse amanhecer. A verdade do nascimento da lírica da mulher preta, corajosa e perspicaz repousa em cada poema, criando céus de nuvens carregadas de chuva, mas também de arco-íris e raios de sol, numa nova aquarela que aguarda o tempo em que todos e todas teremos direito a viver em paz porque a opressão terá sido vencida pelo amor, porque, como diz um de seus poemas:

Graúna risonha acorda cedo
É preciso salvar o amor

Que logo venham outros amanheceres e nascimentos de Rosângela Trajano. Lindo livro.

Christina Ramalho
Universidade Federal de Sergipe



Rosângela Trajano é negra, moradora de periferia, licenciada e bacharel em filosofia, mestra em literatura, escritora, poetisa, ilustradora e diagramadora. Estuda História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN onde é bolsista voluntária nas disciplinas de Introdução à Antropologia e História Oral. Ensina inglês e filosofia às crianças da sua rua de forma voluntária na varanda da sua casa. Já escreveu vários livros para crianças, gosta de pesquisar sobre a literatura portuguesa e escrever poemas épicos. Aventura-se também no mundo das charges. No seu pequeno mundo moram crianças dos mais diferentes sorrisos que gostam de ouvir as suas histórias inventadas na hora da contação. Leva uma vida simples na sua casinha pequena onde mora com a sua mãe num bairro com pessoas que contam séculos de vida. Na infância, tomou banho de cacimbinha e vendeu tapiocas com a sua tia Rosa. Simplesmente é uma pessoa feliz apesar de algumas dores na alma crescerem hora ou outra quando sofre incompreensões. Uma das coisas que gosta de fazer, atualmente, é costurar bonecas de pano. Sabe dar vida ao muro da sua casa escrevendo nele versos desassossegados.



Este livro foi composto na
Fonte Times New Roman,
tamanho 16.

Primavera de 2020.



Lucgraf
VIRTUAL

